



IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

AS FESTIVIDADES CÍVICAS NAS ESCOLAS MINEIRAS E O 1º DE MAIO (1930-1954)

Aline Choucair Vaz
alinechoucair@yahoo.com.br
(UNIFEMM)

Resumo

Nesta pesquisa analiso as representações políticas sobre o trabalho no ensino primário, por meio da festividade do “Dia do Trabalho” em Minas Gerais, do período de 1930 a 1954. Neste momento, um dos conceitos importantes para a reflexão destas representações ancora-se na perspectiva da intolerância, dos discursos que excluem o sujeito não-trabalhador da sociedade. As fontes utilizadas são os principais materiais didáticos que circulavam no ensino primário, como os livros de leitura, livros de metodologia do ensino primário e jornais escolares, além de fontes não escolares, como os suplementos infantis da imprensa mineira durante os anos de 1930-1954. Dentre os resultados obtidos, destaco a ênfase da construção de uma identidade nacional coletiva com realce à criança “a ser preparada para o trabalho”, um investimento no trabalho industrial, principalmente nas escolas urbanas, à importância que os suplementos infantis dos jornais analisados têm para a educação da criança e aos preceitos a serem ensinados socialmente. Também é perceptível um acirramento das representações que convergem para a intolerância ao não-trabalho e ao não-trabalhador, em um “terreno fértil” potencializado pelo governo varguista, que se legitimou por meio das leis trabalhistas criadas nas décadas de 1930 e 40. Essa intolerância estava presente na educação, segmento apontado como um dos principais difusores de condutas e valores a serem seguidos, principalmente no ensino primário, nível de maior acesso das camadas populares. Os principais referenciais teóricos desta pesquisa sustentam-se nos conceitos de representações políticas de Eliana de Freitas Dutra e Maria Helena Rolim Capelato, estabelecidos e outsiders de Norbert Elias, intolerância discutido por Françoise Barret-Ducrocq e outros autores, além de referências da História da Educação que discutem a relação da cultura política com as práticas educativas.

Palavras-chave: Trabalho. Intolerância. Práticas Educativas. Ensino Primário.

Antônio de Pádua Carvalho Lopes (2006) afirma que a escola no Brasil se abriu para a cidade a partir da Primeira República e que isso alterou a dinâmica da própria escola e da cidade. Segundo o autor, isso ocorreu por diversas motivações e com o contributo das festas escolares, sendo que elas “[...] traziam ainda, as marcas das novidades curriculares e das transformações pedagógicas das escolas” (2006, p. 4366).

Cynthia Greive Veiga e Maria Cristina Soares Gouvea (2000) salientam que, nos anos iniciais da Primeira República, os intelectuais ressaltavam a importância do cultivo da memória nacional pela população, e à escola cabia um importante papel para a consolidação deste objetivo. Essas iniciativas faziam parte de uma “proposta civilizadora”, e a comemoração cívica serviria para cultivar e legitimar esses valores no cotidiano da criança. O ensino de História com viés nacionalista e biográfico também contribuía para a perspectiva das festas cívicas e escolares. Artur





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Carbonelle Migal, em um manual do ensino primário de 1935, que tratava sobre o ensino de História, apontou a organização e a importância das festividades escolares:

Um dos meios de despertar e manter o sentimento nacional está na celebração das festas cívicas. O programa determina que isto se faça em todos os anos escolares: **a legislação obriga que os diretores reúnam na véspera da festa todos os alunos da escola e lhes expliquem a significação da data comemorativa.** Esta prática, aparentemente ingênua e patriarcal, é de grande **eficácia moral.** Não se trata de que os alunos possam aprender. **Os das classes inferiores evidentemente aprenderão muito pouco.** O que principalmente interessa, é que os alunos possam **sentir [...]. Se recordarmos o passado, reconheceremos que muito do que existe no fundo do nosso patriotismo é o que estimamos nestas simples festas escolares, que se gravou em nossa alma, virgem até então de grandes emoções;** e agora, em nossa vida de adultos, o nosso patriotismo se exalta ainda nas manifestações públicas, nas reuniões cívicas, nas festas comemorativas e **até nos discursos políticos ouvidos nas reuniões partidárias.** Este entusiasmo coletivo mantém vivo aquele sentimento que se inflamou nas pequenas festas escolares (1935, p. 159-160)¹.

A representação de moralidade presente na função do ensino de História coligava-se ao sentimento patriótico, também vinculado às atividades políticas e partidárias. As festas escolares lembrariam e rememorariam a tradição e sua invenção² para fazer recordar aquilo que não deve ser esquecido. A data do “Dia do Trabalho” também seria incorporada às festas escolares e ao culto dos grandes vultos históricos do passado e do presente.

Rita de Cássia Souza (2008) argumenta que, no Regulamento do Ensino primário de 1924 em Minas Gerais, os cantos e hinos de cunho patriótico já deveriam ser distribuídos para as escolas. Segundo a autora, o canto possui forte elemento disciplinarizador que controla o corpo e a voz dos sujeitos envolvidos, além de ensinar os conteúdos moralizantes presentes nas letras das músicas. Ainda pontua que o canto orfeônico³ marcava as apresentações culturais dos alunos, denotando sentimentos de unidade, força e vigor, causando “[...] profunda impressão ao público e, por isso, esta apresentação artística se tornou tão importante no Estado Novo e na educação escolar desse período no país” (SOUZA, 2008, p. 391).

¹ Consultado na Biblioteca do Instituto de Educação de Minas Gerais. Grifos meus.

² Sobre as tradições inventadas, veja Hobsbawn (1997).

³ De acordo com Souza (2008), o canto orfeônico passou a ser disciplina obrigatória nas escolas primárias e secundárias do País. Veja também em Neiva (2008) e Unglaub (2009).





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

As festas escolares recebiam a influência da cultura política do momento e vice-versa. A festa da “Semana da Pátria”, durante o Estado Novo, estudada em minha dissertação de mestrado, celebrava um acontecimento marcadamente tratado no ensino de História, a Independência do Brasil, mas o cenário político também se apropriava destas comemorações, com o auxílio das escolas (VAZ, 2006).

As festividades cívicas das escolas no governo Vargas foram muito influenciadas pela propaganda política de sua gestão. Segundo Marcus Levy Albino Bencostta (2004), o exemplo disso está na comemoração do dia do aniversário do presidente, festejado nas escolas.

As programações de atividades deixavam explícita a propaganda em torno de Vargas, na comemoração de seu aniversário, como se vê neste programa de auditório:

Programa auditório do dia 19 de abril de 1944⁴

1ª parte - Hino Nacional por todos os alunos.

2ª parte – **Leitura de uma composição feita em classe sobre a biografia do Dr. Getúlio Vargas, pelo aluno Carlos Pereira Vidal.**

3ª parte – Saudação pela aluna Adelaide Brant.

4ª parte – **Leitura: Getúlio Vargas (biografia) pela aluna Célia Marília Farnezi.**

5ª parte – **Estado Novo e seus benefícios – Leitura por Aleixa Maria Lage.**

6ª parte – O Brasil – poesia por Stela Pinto Ferreira.

7ª parte – **Hino a Getúlio Vargas, pelos alunos da classe do 4º ano.**

Classe do 4º ano de Rute Fonseca. Grupo Escolar Afonso Pena.

Cadernos de Programas, 19 de abril de 1944. p. 2⁵. Grifos meus.

Além da referência a Vargas, por meio da leitura de sua biografia e um hino feito para ele, o Estado Novo é citado como um regime de benefícios. Esse sentido também é encontrado nos livros de leitura e contribuía para o imaginário das festividades:

Getúlio Vargas. O Estado Novo.

Getúlio Vargas, o fundador do Estado Novo – Triunfando, a Revolução de outubro de 1930, elevou o governo o seu chefe supremo – o Dr. Getúlio Vargas, que depois foi eleito Presidente do Brasil. Logo no início de seu governo, foi abolida a antiga Constituição e elaborada outra, que entrou em vigor no dia 16 de julho de 1934. Também esta foi abolida em 10 de novembro de 1937 e substituída pela

⁴ Alves (2008) pesquisou as festividades cívicas na escola pública mineira de 1930 a 1945 e consultou fontes de “Termos de visita”, “Atas de reunião de leitura” e “Atas de auditório”, pertencentes ao Grupo Escolar José Rangel, localizado no município de Juiz de Fora/MG. O autor apontou que nesses materiais constava o registro de comemorações de festividades, inclusive as do Estado Novo.

⁵ Acervo do Centro de Pesquisa e Documentação da FAE – CEPDOC.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

que ora nos rege, a qual veio inaugurar o regime do Estado Novo. **Este regime, apoiado no trabalho, na honestidade, na ordem, na disciplina e na dignidade dos brasileiros, levará o Brasil, com segurança para o seu grandioso destino.** O que terá representado para o País o Novo Regime todos nós sabemos: temos assistido ao esforço contínuo do Presidente da República em prol do Brasil. Todos os dias surgem leis, regulamentos e resoluções que visam a grandeza da nossa Pátria. **Generosas leis trabalhistas;** desenvolvimento da instrução; defesa da saúde do povo; engrandecimento do nosso Exército, da Marinha e da Aviação, que teve seu Ministério – o da Aeronáutica, criado em Janeiro de 1944: exploração das riquezas ocultas no solo, entre as quais se destaca a esplêndida realidade do petróleo; apoio decidido ao trabalhador nacional; **a habitação do pobre: o fortalecimento moral e físico da juventude que, a 19 de abril, data natalícia do Presidente Vargas tem seu dia comemorativo – o dia da Juventude Brasileira.** Além do Ministério da Aeronáutica, que é o mais recente, também foram criados, logo no início do governo do Presidente Getúlio Vargas, o Ministério da Educação e Saúde e o Ministério do Trabalho. **Também as bandeiras e outros símbolos estaduais abolidos, e com muita razão, pois que para um só Brasil não pode existir mais que uma Bandeira e um Hino Nacional.** E seria um nunca mais acabar se fôssemos citar aqui a obra toda do Presidente Getúlio Vargas, pois não existe setor na vida nacional onde sua atuação benéfica não se tenha feito sentir. Seu governo ainda não terminou e por isso o Brasil ainda espera muito do eminente fundador do Estado Novo.

RIALVA, Rita Amil de. *História do Brasil*. 2 ed. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia. Editores, 1944. p. 157-159⁶.

Pode-se observar um realce nas leis trabalhistas e no trabalho, que está associado “à dignidade, ordem e disciplina”. A palavra dignidade está atrelada ao trabalho e ao trabalhador, e, por conseguinte, aquele considerado um “não- trabalhador” seria um indigno. A data de 19 de abril associou-se também às comemorações do “Dia da Juventude”, mobilizando pessoas, jornais e também a escola. Neste cartaz, vê-se o incentivo à comemoração da data:

⁶ Professora – Técnico de Educação – para os Cursos Primários e de Admissão. Edição revista, aumentada e atualizada. Acervo: Biblioteca do livro didático da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo - FEUSP. Grifos meus.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

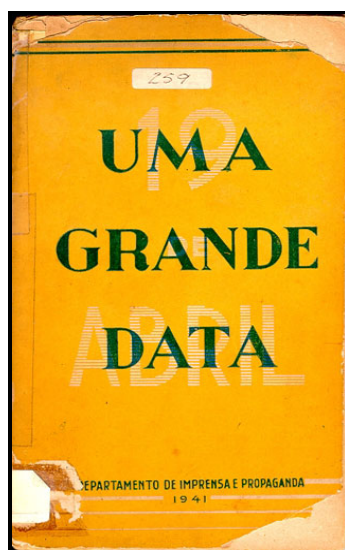


Fig. 1 - Capa de 'Uma grande data', publicado pelo DIP em 1941, em comemoração ao aniversário de Getúlio Vargas. (82-5 B823/CPDOC)

Ângela de Castro Gomes (2005) evidencia que, nessa data de 19 de abril, Vargas recebia o “presente” de comemorações e homenagens relacionadas à sua pessoa, em virtude do seu aniversário. Nas escolas é possível ver estas “honrarias” ao presidente, que seria reverenciado, principalmente, pelos feitos em relação ao trabalho.

As festividades do “Dia do Trabalho” envolvendo os estabelecimentos do ensino primário ocorriam nos grupos escolares e também nas instituições de ensino secundário, associações culturais e de classe. O público-alvo dessas comemorações eram os operários, sindicatos e trabalhadores nacionais, não inviabilizando, porém, o grande investimento, nas escolas, das noções de trabalho, reforçadas pela data comemorativa. Nas festividades havia “bênçãos” para os filhos dos operários, indicando que, além do espaço escolar, as crianças tinham outros momentos e contatos com as comemorações do 1º de maio:

Benção para os filhos dos operários

Na Catedral de Boa Viagem, que se achava repleta de fiéis, foi dada **a benção do Santíssimo Sacramento para os filhos dos operários** [...].

Matinê gratuita

Por intermédio do Ginásio Mineiro, a empresa Cine Teatral LTDA ofereceu, ontem às 16 e 30h no Cinema Glória uma seção especial aos alunos do Instituto João





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Pinheiro, Escola Aprendizes Artífices, Escola Alfredo Pinto, Abrigo de Menores, Instituto Pestalozzi e aos vendedores de jornais.

No Centro de Estudos Justino Mendes

Foi significativa a homenagem que o Centro de Estudos Justino Mendes, juntamente com a Rádio Mineira, prestou ao Dia do Trabalho, transmitindo um programa extraordinário do calendário histórico do Brasil que alcançou franco sucesso. Fizeram-se ouvir os seguintes oradores do Centro: Halley Alves Bessa em “O trabalho como dever”; Orlando Vignolli em “Como surgiu o 1º de maio”; Prof. Onório Guimarães com o soneto de sua autoria intitulado “**Sombrio repouso**”; Edgard de Andrade Rocha em uma oração sob o tema “Palavras ao operário”.

Brilhantes as comemorações do Dia do Trabalho. Jornal *Estado de Minas*. Belo Horizonte, 2 de maio de 1939, p. 7. Grifos meus.

A aproximação da escola com outros núcleos que participavam da festa do “Dia do Trabalho” é perceptível, assim como outros recursos de propaganda que faziam parte da comemoração. No jornal, o soneto intitulado “Sombrio repouso”, por um professor, denota o “ar” religioso e satanizado do “não-trabalho”.

Nos estabelecimentos tais como o Grupo Escolar Flávio dos Santos, o Instituto João Pinheiro, a Escola Alfredo Pinto, o Ginásio Mineiro, o Ginásio Anchieta, o Ginásio Afonso Arinos, a Escola Normal (com o envolvimento das professoras nas atividades), o Instituto Pestalozzi, o Abrigo de Menores, a Escola Infantil Marciano Ribeiro, as comemorações geralmente se constituíam de missa, hino ao trabalho, palestra ou preleção sobre o tema *trabalho* por um professor ou diretor, apresentações dos alunos com redações e declamações sobre a data, atividades esportivas e hino nacional.

No ano de 1933, um jornal escolar destacava a festa do “Dia do Trabalho” e a sua preparação, na cidade de São João del Rei – Minas Gerais:

Ontem foi dia 1º de maio, Dia do Trabalho. Houve um animado auditório (sic), fizemos dramatização de S. João del Rei.

Festejando o feriado de ontem, foi inaugurado aqui no grupo o cinema.

A fita foi muito triste. Fiquei com muita dó de ver uma menina, que era muito pequena viajar sozinha. Ela tomava leite para crescer. Já se vê que o leite é um alimento muito nutritivo e por isto a gente deve tomar leite para ficar forte.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Geralda da Silva. *Jornal O Sino*. São João Del-Rei. n. 127, 2 de maio de 1933. s/p. Grupo Escolar João dos Santos⁷. Grifos meus.

A festa era comemorada nos grupos escolares com dramatizações, teatros, filmes, entre outros eventos. A referência ao “leite” para ficar forte fazia parte da orientação que as escolas davam para a saúde da criança – um investimento nas ideias de que o corpo e a saúde deveriam ser cultivados para o exercício do trabalho.

Com relação aos relatos jornalísticos presentes nos jornais, da participação das escolas nas festividades de 1º de maio, observou-se a comemoração empreendida no Grupo Escolar Flávio dos Santos, de Belo Horizonte, com a descrição do programa acontecido:

Revestiram-se de solenidade as comemorações no Grupo Escolar Flávio dos Santos.

O programa das festividades constou do seguinte:

- 1 – Hino à bandeira;
- 2 – **Cooperação mútua entre o operário manual e o operário intelectual**, preleção feita pela diretoria do estabelecimento;
- 3 – **Hino ao Trabalho**;
- 4 – O grande fator do progresso – leitura pelo aluno Joaquim Vtmieiro;
- 5 – A economia – leitura pela menina Maria da Conceição Armond;
- 6 – **O trabalho** – palestra pela menina Osima Alves;
- 7 – Saudação à Bandeira – por Jonas de Mello Franco;
- 8 – A dissipação – Por Zilah Siqueira;
- 9 – **Conceito sobre as diversas atividades humanas**, por Leda Pereira dos Santos;
- 10 – A Bandeira – recitativo por Laerte de Marco;
- 11 – Hino Nacional.

O Dia do Trabalho. *Jornal Estado de Minas*. Belo Horizonte, 02 de maio de 1937. p. 6. Grifos meus.

Como se vê na descrição das festividades no Grupo Escolar Flávio dos Santos, a participação dos alunos nas escolas é formal, na apresentação de redações e declamações, constituindo-se numa solenidade organizada pela escola, com a presença de autoridades. As competições esportivas, comuns nas festividades das escolas, após a cerimônia cívica, denotam um clima de maior descontração para o público infantil, além do fundamental papel que a

⁷ Jornal do 2º ano. Profa. Celina Amélia Rezende. Ano de 1933. Doado por Marisa Lajolo. Xerocado. Acervo Arquivístico – Fundo CEAL. Caixa 015.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Educação Física e o esporte têm no momento para o desenvolvimento das potencialidades do corpo e, nesse sentido, na conquista da “robustez” para a “melhor formação da raça”.

Durante as solenidades comemorativas do “Dia do Trabalho” nos estabelecimentos de ensino, eram inaugurados retratos de autoridades como Getúlio Vargas e governadores e prefeitos, evidenciando a influência direta da política personalista nas comemorações cívicas nas escolas. Também ao longo do ano, desenhos dessas autoridades feitos pelas crianças eram publicados nos suplementos infantis, que chegavam a oferecer moldes de como desenhar o rosto de Benedito Valadares (governador de Minas Gerais no período do Estado Novo) e de outras personalidades políticas:



Fig. 2 - Folha de Minas Infantil. Jornal *Folha de Minas*. Belo Horizonte, 29 de janeiro de 1939, p. 2. Hemeroteca Histórica da Biblioteca Pública de Minas Gerais.

Nas festividades do “Dia do Trabalho”, as matinês com filmes para os alunos de escolas primárias tinham temas sacros. O universo cultural de matriz religiosa ajudava a consolidar as ideias sobre o trabalho virtuoso e a necessária submissão e renúncia para conquistar virtudes. A intolerância àquele que não esteja identificado como futuro trabalhador tem alicerce nas matrizes religiosas e é potencializada pelo discurso uniformizante da cidadania do trabalho, no âmbito social e econômico. Na escola, ela estará centrada na difusão das noções de trabalho para a formação da criança, futura trabalhadora, e reforçada pelos momentos das festividades cívicas.

Outro espaço para a inserção das crianças e jovens nas comemorações cívicas do “Dia do Trabalho” era o da Federação Mineira de Escoteiros, que também participava ativamente das festividades políticas e escolares. Adalson de Oliveira Nascimento (2004) defende a ideia de como o escotismo no Brasil foi útil para a formação do ideal nacionalista e sua disseminação entre





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

crianças e jovens, servindo aos interesses do Governo Federal e dos grupos políticos antiliberais, empenhados na construção de um Estado forte nas décadas de 1930 a 1940. A infância, para além da escola, da mesma forma, era alvo importante no reconhecimento do ideário que se pretendia projetar por meio da festa, constituindo-se no futuro operariado.

Nos livros de leitura também estavam presentes as referências ao “Dia do Trabalho”. Na história a seguir, os utensílios, máquinas e profissões enumerados na lição denotam a preocupação com a formação do futuro trabalhador desde a infância e a importância do ambiente escolar para essa formação. A referência ao dia 1º de maio é comum nesse tipo de material, com a idealização de como ele seria comemorado na escola:

O trabalho

Na escola de Cláudio todos trabalham.

Logo de manhã um menino da cada turma rega o canteiro que pertence à sua classe.

Antes do recreio uma turma de meninas vai à cozinha ver como se faz a sopa.

Outra turma aprende a cooperar, ajudando no preparo dos pratos e colheres!

Todos os alunos estão convencidos de que o trabalho enobrece e ninguém se furta a trabalhar.

Nas classes mais adiantadas cada aluno se exercita numa profissão: são aprendizes de carpinteiro, de marceneiro, de torneiro, de pedreiro, de entalhador, de jardineiro, de empalhador.

As meninas também trabalham em jardinagem, costuras, cozinha, lavagem, bordados.

No dia 1º de maio, dia da festa do Trabalho, há grande alegria na escola de Cláudio.

Os alunos cantam hinos elogiando o trabalho, representam peças em que se vêem trabalhadores, ferramentas, utensílios, máquinas, tudo quanto indica uma profissão, uma atividade.

Cláudio e seus colegas não levam somente livros e cadernos: cada um carrega uma ferramenta, uma planta, um pedaço de madeira ou de folha, qualquer coisa para fazer.

Por isso, quando eles passam, todos dizem:

Lá vai um aluno da **Escola do Trabalho**.

COSTA, Nelson. *Primeiro livro de leituras brasileiras*. 22 ed. Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte: Livraria Francisco Alves, 1941. p. 92-93⁸.

⁸ Acervo do Centro de Referência do Professor de Minas Gerais. Grifos meus.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Além de propor a divisão de trabalho por gênero e de tentar fazer da escola uma cooperativa de trabalho, conforme se observou nessa história, o 1º de maio legitimava e potencializava o imaginário sobre o trabalhador e sua destinação. A ideia de que “todos” entendiam o valor do trabalho e não se furtavam a trabalhar, enaltecendo esse aspecto, excluía outras possibilidades que não fossem as de “ser trabalhador”. Esta perspectiva é aquela considerada “tolerância por falta”, percebida como uma forma perversa de tolerância que leva à intolerância, pois não reconhece o “outro” e nem a legitimidade da diferença. O limite desse tipo de intolerância está na ausência do “outro”, “diferente”, e também de não se aceitar que determinados princípios e estereótipos sejam questionados. Philippe Douste-Blazy (2000) afirma que “[...] O intolerante não se contenta em recusar a própria liberdade, quer obrigar todos os outros a renunciarem com ele à liberdade” (p. 230). A tentativa de “alguns” de colocar “todos” em uma base de comportamento ou crença, não possibilitando o diálogo com “outros”, inviabiliza o processo de emancipação humana.

O reforço do trabalho junto às crianças também se materializava nos livros de leitura, por meio de suas capas. Eram comuns nas capas dos livros as imagens de crianças trabalhando, como se observa abaixo, em que o menino segura uma caixa de ferramentas, símbolo de um tipo de função, atrás do mapa do Brasil:



Fig. 3 - FONTES, Ofélia e Narbal. *Companheiros* – História de uma cooperativa escolar. 4 ed. São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte: Livraria Francisco Alves, 1945.
Centro de Referência do Professor de Minas Gerais.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

O trabalho representava o País que estaria nas “mãos das crianças e jovens”. A festividade de 1º de maio desempenhava um papel muito importante neste ideário. Nos livros de leitura, os temas da “História do Brasil” também realçavam essa data:

“Se tiveres, acaso, uma tristeza, afoga-a no seu trabalho”.

Li não sei onde este conselho, há muito tempo, mas só hoje compreendo a razão dele. E julguei oportuno repeti-lo, nesta data, em que se realiza a festa do trabalho no mundo inteiro.

Dizem que o trabalho é um castigo, mas quem trabalha verifica logo que é o maior dos prêmios. A ação é vida; a preguiça é doença; a inatividade, morte. Foi meu professor quem provou isto ontem falando sobre a data de hoje.

Disse que quem se propõe em fazer uma coisa e sabe que há de fazê-la tem larga recompensa no próprio trabalho que realizar. A inteligência torna-se mais aguda, o corpo mais ágil, o sentimento mais ardente; todas as forças ocultas de nosso ser empenham-se na tarefa e o cansaço não virá tão cedo, porque o trabalhador não tem tempo para desanimar.

Só o trabalho dignifica o homem.

Não há ócio com dignidade. Quando o espírito não se preocupa com um empreendimento útil, fatalmente procurará distrações que o levarão por um caminho menos honroso.

O trabalho converte “Saáras em searas”, disse Rui Barbosa, que foi um trabalhador formidável. Durante longos anos de sua vida fecunda, levantou-se antes da madrugada, porque “**o amanhecer do trabalho deve anteceder ao amanhecer do dia**”.

Papai acaba de me chamar a atenção para a vida de um trabalhador prodigioso, modelo incomparável pra nossa geração. Chama-se Irineu Evangelista de Souza, Barão e Visconde de Mauá.

De 1843 a 1889, cerca de 76 anos, durou a sua vida de realizador de sonhos.

Começou por exercer a humilde profissão de caixeiro. Mas tinha tal sede de conhecimentos de aplicação imediata que, assim que pode, foi adquiri-los diretamente na Europa, de onde voltou para **espantar os contemporâneos com sua operosidade**. E durante meio século não descansou mais.

Aí estão, suas obras imperecíveis, que são verdadeiros monumentos erigidos à sua memória.

A Mauá se devem a construção da primeira via férrea brasileira – a Estrada de Mauá, a navegação a vapor do Amazonas, a iluminação à gás, o cabo submarino, a fundição de ferro; e os maquinismos do estabelecimento da Ponta de Areia, a companhia de diques flutuantes, a companhia de transportes fluminenses, a companhia de luz elétrica, a companhia de rebocadores para a barra do Rio Grande do Sul, a companhia Jardim Botânico, a via férrea de Santos a Jundiaí, o Banco Mauá, com filiais no Brasil e no estrangeiro.

Quase um milagre!

Tornou-se a maior potência financeira do país, tendo principiado tão humildemente.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

E, como se não bastasse tudo isso, ainda foi político brilhante do Império, representou sua província, Rio Grande do Sul, em várias legislaturas e fez parte do Instituto Histórico Geográfico.

Aquele que atentar bem na sua vida há de ficar deslumbrado perante a grandeza do trabalho, cujo louvor mais caloroso está na própria exaltação de seu exemplo.

FONTES, Ofélia; FONTES, Narbal. *Pindorama*. Terra das palmeiras. 8 ed. Rio de Janeiro: Muniz – Est. Gráficos, 1940. p. 98-100⁹.

O exemplo do Barão de Mauá projeta alguém que conseguiu enriquecer-se pelo trabalho e contribuiu para o “progresso do País”. O “Dia do Trabalho” é um momento oportuno de reafirmação da imagem do trabalhador e negação ao “não- trabalhador”, que é considerado “um doente, próximo à morte”. Esse dia era, portanto, estratégico para aqueles que fomentavam o imaginário do trabalhador “operoso e digno”, em oposição ao não-trabalhador, “preguiçoso e indigno”.

O dia 13 de maio, data da abolição da escravatura, também é rememorado nos materiais analisados, já que a escravidão é combatida pelos republicanos, e o trabalho “assalariado” é aquele que fomenta a lógica capitalista. Em muitos materiais que analisei, aparece a referência a esse dia, por meio da comemoração da data, criticando-se a escravidão e legitimando-se o trabalho não escravo. Nesta história aparece a data analisada pelo programa “Hora do Brasil”:

Na Hora do Brasil

Todas as noites o Senhor Mário ligava o rádio para ouvir a *Hora do Brasil*. Costumava dizer:

- Todos os brasileiros que tem rádio devem ouvir a palavra honesta e amiga do Governo que informa sem nos iludir.

Ontem, 13 de maio, comemorou-se a data gloriosa em que os brasileiros apagaram da sua história a mancha vergonhosa da escravidão. À Hora do Brasil reviveu a cerimônia da assinatura da Lei Áurea, irradiando-a.

A família inteirinha gostou do modo perfeito pelo qual os artistas representaram as diversas personagens históricas.

A Princesa Isabel, lendo, com voz emocionada o decreto que depois assinou com a caneta de ouro oferecida pelo povo, fez até a Marisa com os olhos rasos d’água...

⁹ Aprovado oficialmente para as classes de 4º ano no Estado de São Paulo e para as classes de 4º e 5º anos no Distrito Federal. Leitura para os alunos dos Cursos Primário e Ginásial. Acervo: Biblioteca do livro didático da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo - FEUSP. Grifos meus.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Papai explicou que o grande abolicionista José do Patrocínio era filho de uma escrava e que foi tamanha sua alegria com a assinatura da *Lei Áurea* que teve um desmaio...

Lembrou o prazer com que o imperador D. Pedro II soube no estrangeiro aonde fora tratar da saúde, do feliz acontecimento.

Falou em Castro Alves – o grande *poeta dos escravos*, cujos mais belos versos lhe foram inspirados pelos sofrimentos dos pobres cativos. **Era tal o entusiasmo do poeta ao escrever, defendendo os escravos, que houve até quem o julgasse preto. Mas não, além da brancura da pele, Castro Alves possuía esta que vale mais que todas: a brancura da alma!**

RIALVA, Rita Amil de. *O clube dos sete amigos*. 4 ed. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia. Editores, 1943. p. 52-54¹⁰.

A propaganda do governo aparecia novamente em mais uma história, indicando “a palavra honesta e amiga” e a potencialidade que o rádio tinha nos processos educativos. A escravidão era muito atacada nos materiais, sendo a abolição da escravatura narrada como um feito histórico de “progresso” e tendo na imagem da Princesa Isabel a condutora “iluminada” desse processo. No fim da história, a relação da “brancura da alma” mostrava como as questões raciais ainda valorizavam a superioridade do branco, mesmo em um discurso que se propunha comemorar “a união das três raças”, após 1930.

As composições das crianças nos suplementos infantis dos jornais mineiros atacavam a violência que se fazia com os escravos, e os desenhos os mostravam presos, em jaulas, reforçando o discurso desumano e opressor:



Fig. 4 - Stanislawia Sofia Goldberg. O Escravo. *Jornal “O Diário Infantil”*. Belo Horizonte, 15 de julho de 1951. p. 7¹¹.

¹⁰ Professora – Técnico de Educação – Leitura para o 3º ano primário. Acervo: Museu da Escola de Minas Gerais. Grifos meus.

¹¹ Grupo Escolar Cristiano Machado. 4º ano. Classe D. Geralda Aires César. Acervo CEPDOC-FAE.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

A data era reverenciada e comemorada, porque não haveria mais escravos no Brasil, e sim trabalhadores, contemplados posteriormente com as leis trabalhistas do governo:



Fig. 5 - Mardi Campos Rocha. Treze de maio. Gurilândia. Jornal *Estado de Minas*. Belo Horizonte, 15 de maio de 1949, p. 5¹². Hemeroteca Histórica da Biblioteca Pública de Minas Gerais.

No desenho acima, o escravo liberto das algemas é “agraciado” pela Lei Áurea e, ao lado, há o rosto desenhado da Princesa Isabel. Ele, de braços abertos, inspirando a liberdade, tem atrás de si o sol cheio de raios de luz com os dizeres: “Liberdade, 13 de maio de 1888”. O imaginário religioso manifestava-se quando se colocava a Princesa Isabel como a salvadora dos escravos no Brasil.

Também no desenho subsequente, o ex-escravo, com as mãos abertas, tem ao lado as palavras da “sua libertação”, juntamente com o rosto que seria da princesa Isabel:

¹² Criança de 11 anos, “desenho oferecido ao Tio Mário”, capital (suplemento infantil).





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5



Fig. 06 - Edna Passos Mota. Gurilândia. Jornal *Estado de Minas*. Belo Horizonte, 15 de maio de 1949, p. 5¹³. Hemeroteca Histórica da Biblioteca Pública de Minas Gerais.

As tradições das festas do “Dia do Trabalho” e suas permanências na escola após o Estado Novo

Na ocasião da data do “Dia do Trabalho”, muitas escolas eram inauguradas, compondo o programa de festividades, como se percebe nesta notícia:

Dando um cunho eminentemente objetivo às comemorações do Dia do Trabalho, o prefeito Américo Giannetti fez inaugurar anteontem, 3 estabelecimentos de ensino instalados pelo Departamento de Educação e Cultura da Prefeitura, em núcleos de densa população operária.

A prefeitura resolve o problema do ensino na capital. O problema do ensino na capital. Jornal *Estado de Minas*. Belo Horizonte, 3 de maio de 1953, p. 3.

A inauguração das escolas enaltecia os feitos da Prefeitura em um dia que deveria ser “consagrado ao trabalho”. A referência à melhoria da educação nos núcleos de população operária fazia do momento da festa um espaço de propaganda política. As comemorações do dia 1º de maio continuavam com suas tradições e ritos, mantendo-se o discurso trabalhista e a participação das escolas.

¹³ Criança de 12 anos, Colégio Nossa Senhora da Piedade (suplemento infantil).





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Odilon Behrens, secretário estadual da educação do governo mineiro, ao discursar para Kubitschek, na ocasião das comemorações da festa do “Dia do Trabalho”, mostrava a relação que a escola tinha com a data:

[...] Esta solenidade é a afirmação e exaltação do trabalho. Trazem as mestras mineiras, até a casa do governo, que é a casa de Minas e a escola da democracia, onde **Vossa Excelência é o autêntico preceptor, as crianças que em nossos educandários se preparam para as lides futuras da nacionalidade.** As crianças mineiras aqui estão, em meio a profusão das cores e dos uniformes, ostentando as bandeiras da pátria, da qual são os florões hieráticos. **Em frêmitos de entusiasmo sadio, seus corações se abalam ao contemplar nessa radiosa manhã a beleza do céu e os rendilhados alcantis da montanha, desfraldando a clâmide alva de sua inocência e casando suas vozes com as notas heróicas do Hino Nacional.** Dir-se-ia que a alma em flor da infância com que pressente o apreço que Vossa Excelência, vota pela causa de sua educação, dando-lhe escolas em cujos pórticos acolhedores se divisam as palavras com que a pedagogia cristã sintetizou profeticamente a santidade do magistério: “Res Sacra Puer”, “a criança é sagrada”. **Ninguém melhor do que Vossa Excelência está apto a compreender a sacralidade da missão dos mestres, porque foi ao calor das austeras lições da pedagogia materna, no recesso daquela escola de Diamantina, banhada pelas claridades celestiais da fé lareira acolhedora e crepitante de patriotismo, que se plasmou e se formou sua personalidade de fino humanista, compreensivo, tolerante, respeitador dos eternos valores da pessoa humana.**

[...] Na festa do trabalho, que é a festa da paz, da confraternização, estas crianças, Senhor Governador, devem despertar em seu coração as lembranças daquela escola e daquelas mestras, que perdidas nos rincões de Minas, são as operárias anônimas que edificam o monumento perene de nossa civilização. Elas aqui vieram, elas que estão mais perto de Deus e que são as principais acariciadas pelo Cristo que disse ser delas o reino de céu, hão de orar pelo êxito de seu governo¹⁴.

Odilon Behrens. O trabalho passou a ser o novo centro de gravitação da vida social. *Jornal Estado de Minas*. Belo Horizonte, 3 de maio de 1951, s/n.

A ênfase ao homem que teve uma formação especial e à educação obreira, feita pelas professoras “operárias”, apresentava o envolvimento da perspectiva educativa e da escola nas comemorações do 1º de maio. Algumas escolas levavam os alunos para o Palácio do Governo do Estado de Minas Gerais para entoação de hinos e bandeiras. As referências à missão religiosa da educação e do trabalho estão presentes neste imaginário sacro. A paz e a harmonia eram a tônica

¹⁴ Parada Infantil na Praça da Liberdade – discurso de Odilon Behrens ao governador Juscelino Kubitschek, em ocasião do 1º de maio de 1951.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

do discurso oficial do governo, e o “entusiasmo sadio” opunha-se a manifestações que eram consideradas desordeiras, pois criticavam o governo, mas não a representação do trabalho como a “dignidade humana”.

Nos suplementos infantis, a comemoração do “Dia do Trabalho” é referida como uma “data gloriosa”:

O trabalho

(para festa de 1º de maio)

Não impôs Deus, por castigo.
O trabalho ao pecador;
Fez-lhe um presente de amigo,
Como faz do orvalho a flor!

Trabalho é um dom bendito!
Deus o envia do infinito
Para a Terra engrandecer,
Transformando a nossa vida,
Em sua Estação florida.
Cheia de encanto e prazer!
Trabalho é graça divina.
Abençoando a oficina
E dando impulso ao motor
O atrito do maquinário
É o Hino do Operário;
Glorificando o labor!

Trabalho é a luta insana
Convertendo uma cabana
Em palácio de cristal,
É força do pensamento
Mais ligeira que o vento,
Em busca de um ideal!

O trabalho, um jardineiro,
Com o amanho de um canteiro,
Põe a terra toda em flor;
E colhe, de mão calosa,
A mais delicada rosa,
Para um altar do Senhor!

O trabalho, a mãe querida,
Enchendo claros da vida
De sorrisos infantis;





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Enquanto o berço balança,
Ela embala uma esperança,
Para assim viver feliz!

Neste dia, o Calendário
Erigi um Santuário,
Onde ergueu sublime altar,

Altar de fraternidade
Para toda humanidade
Nele vir se ajoelhar!

J. Gastão Machado. *Jornal “O diário do pequeno polegar”*. Belo Horizonte, 26 de abril de 1953. p. 4. (Do livro “Datas Gloriosas”)

A tentativa de se subtrair a ideia negativa do trabalho novamente se fez, por meio de sua referência como um presente; no entanto, ainda o sujeito é considerado um pecador. A presença do pensamento católico é muito forte no poema, que erige a data numa perspectiva sacra, colocando o operário em um lugar de glorificador do próprio trabalho. O movimento que perpassava o trabalho também é exultado na relação com a atividade industrial e se finalizava na ação de agradecimento a Deus pelo labor concedido.

Abaixo, a imagem presente junto com o poema reforçava estas representações sobre o trabalho quando colocava o trabalhador com a “mão” no seu instrumento de labor e a cidade logo atrás (entre raios de luz e nuvens):



Fig. 31 - J. Gastão Machado. *Jornal “O diário do pequeno polegar”*. Belo Horizonte, 26 de abril de 1953. p. 4. CEPDOC-FAE.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Nos suplementos infantis eram divulgadas histórias assinadas por crianças e enviadas por cartas sobre a data do “Dia do Trabalho”:

10 de Maio (sic)

O dia do trabalho é comemorado no dia 1º de maio.

O trabalho é uma lei imposta por um Ser Supremo. O trabalho é fonte de riqueza, ele dá progresso ao homem e ao mundo inteiro. O trabalho pode ser mental ou manual. **Os ociosos são detestáveis e indesejáveis.** Trabalhemos cumprindo os nossos deveres, mais tarde seremos honestos e honraremos nossa Pátria.

“Olhe em redor de si e achará o universo cheio de movimento e atividade.”

Herbert Lincoln Lavinias Teles. 3º série. Grupo Escolar “Helena Pena” – Capital. Profa. D. Maria Cecília Queiroz Quintão.

Folha de Minas Infantil. Jornal *Folha de Minas*. Belo Horizonte, 8 de maio de 1949, p. 5.

Os signos religiosos estão presentes na composição do aluno, quando se interpretava a determinação do Deus cristão ao pagamento dos pecados, por meio do trabalho, “imposto por este Ser Supremo”. Também a alusão de que o trabalho produzia riqueza já está alicerçada em outra perspectiva religiosa, na qual essa riqueza é posta como dádiva divina daquele que a consegue. A expressão “detestáveis e indesejáveis”, referente aos “ociosos”, exemplifica essa sociedade permeada pela intolerância. Estas representações, potencializadas a partir de 1930, denotam uma relação de repugnância a todos aqueles que não fossem considerados trabalhadores e não tivessem renda, daí pode-se dizer de uma aversão à pobreza. O pensamento capitalista presente na construção deste ideário ora está em oposição, ora corrobora a visão católica sobre a necessidade do trabalho.

Em outra composição no suplemento infantil do jornal *Estado de Minas*, uma criança trata sobre a data e sua importância:

Dia do Trabalho

O “DIA DO TRABALHO” é festejado em todas as nações. Nada mais justo que esta homenagem. O trabalho é nosso melhor companheiro. Ele nos dá saúde, conforto, alegria, fartura e prosperidade. Neste dia prestamos justa homenagem aos trabalhadores de todo o mundo, abnegados servidores da humanidade que empregam os seus esforços produtivos colaborando para o progresso do país e





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

para o bem estar geral. Sem o esforço humilde de tantos homens e mulheres que formam a legião dos trabalhadores de toda a terra, as indústrias não se desenvolveram, o comércio entre os povos não alcançaria as proporções que tem alcançado e todos não nos beneficiaríamos como nos beneficiamos, do progresso e do bem estar que tanto nos agrada.

Louvemos o trabalho, ele dignifica-nos e engrandece a Pátria.

Mauro de Paula Gomes. 13 anos, Capital.

Gurilândia. Jornal *Estado de Minas*. Belo Horizonte, 1º de maio de 1949, p. 5.

O progresso promovido pelo trabalho e “louvado” na data de 1º de maio foi a representação basilar construída nessa comemoração, que se tornou também escolarizada ao longo das décadas pesquisadas de 1930 a 1954. Essa festa, por potencializar atributos e características positivas do trabalho e do trabalhador, foi fundamental na legitimação de representações que apontam a intolerância ao “não-trabalho” e ao “não-trabalhador”.

Referências

ALVES, Márcio Fagundes. A escola pública mineira e os rituais cívicos na Era Vargas (1930-1945): um processo de reconstrução da identidade nacional brasileira. In: *Poiésis* – Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação. Unisul, v. 01, n. 02, 2008.

BASTOS, Maria Helena Câmara. As revistas pedagógicas e a atualização do professor: a Revista do Ensino do Rio Grande do Sul (1951-1992). In: CATANI, Denise Bárbara; BASTOS, Maria Helena Câmara (orgs). *Educação em Revista: a imprensa periódica e a História da Educação*. São Paulo: Escrituras, 1997.

BATISTA, Antônio Augusto Gomes; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Livros de leitura: uma morfologia. In: BATISTA, Antônio Augusto Gomes; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira (org.). *Livros escolares de leitura no Brasil: elementos para uma história*. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2009.

BEIRED, José Luis Bendicho. *Sob o signo da nova ordem*. Intelectuais autoritários no Brasil e na Argentina (1914-1945). São Paulo, SP: Edições Loyola, 1999.

BENCOSTTA, M. L. A. Desfiles patrióticos: cultura cívica nos grupos escolares de Curitiba (1903-1971). In: *III Congresso de História da Educação*. A Educação Escolar em perspectiva histórica. Curitiba: PUC-PR, 2004.

BERSTEIN, Serge. A Cultura Política. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (org.). *Para uma história cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Livro didático e saber escolar*. 1810-1910. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

_____. *Pátria, civilização e trabalho: o ensino de História nas escolas paulistas (1917-1939)*. São Paulo: Loyola, 1990.

BRAGANÇA, Aníbal. A política editorial de Francisco Alves e a profissionalização do escritor no Brasil. In: ABREU, Márcia (org.). *Leitura, História e História da Leitura*. Campinas/SP: Mercado de Letras, 1999.

CAMPOS, Cláudia Renata Pereira de. *Traçando um ideal: Associação de Artes Plásticas Francisco Lisboa (1938-1945)*. Porto Alegre: PUC/RS, 2005. (Dissertação de mestrado).





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

CAMPOS, Cynthia Machado. *A política da língua na era Vargas*. Proibição do falar alemão e resistências no sul do Brasil. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Imprensa e História no Brasil*. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

_____. Liderança varguista e populismo: uma discussão aberta. In: PRADO, Maria Lígia Coelho (org.). *Vargas & Perón*. Aproximações e perspectivas. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 2009.

_____. *Multidões em Cena*. Propaganda Política no Varguismo e no Peronismo. Campinas, SP: Papirus, 1998.

_____. *Os arautos do Liberalismo*. Imprensa paulista 1920-1945. São Paulo: Brasiliense, 1989.

_____. DUTRA, Eliana Regina de Freitas. Representação política. O reconhecimento de um conceito na historiografia brasileira. In: CARDOSO, Ciro Flamarion & MALERBA, Jurandir (orgs.). *Representações*: contribuição a um debate transdisciplinar. Campinas, SP: Papirus, 2000. (Coleção Textos do Tempo).

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. A Escola Nova no Brasil. Uma perspectiva de estudo. In: *Revista Educação em Questão*. Natal: Editora da UFRN, v. 21, n. 7, set/dez de 2004.

_____. *Molde nacional e forma cívica*: higiene, moral e trabalho no projeto da ABE (1924-1931). São Paulo: Faculdade de Educação da USP, 1986. (Dissertação de mestrado).

CHARTIER, Roger. *A História Cultural entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

COSTA, Verônica Albano Viana. *Entre imagens e palavras*: educação e nacionalismo no Estado Novo (1937-1945). Belo Horizonte: Faculdade de Educação de Minas Gerais, 2009. (Dissertação de mestrado).

CRUZ, R. A. da. O projeto educacional da Era Vargas e suas articulações com a nova política brasileira – 1930-1945. In: *Dialogia*. São Paulo, v. 9, n. 2, 2010.

CUNHA, Fabiana Lopes da. Negócio ou ócio? O samba, a malandragem e a política trabalhista de Vargas. In: *IV Congreso latinoamericano de la Asociación Internacional para el estudio de la música popular*. México: Pontificia Universidad Católica de Chile, 2002.

DAHER, Maria del Carmen Fátima González. *Discursos presidenciais de 1º de maio*: a trajetória de uma prática discursiva. São Paulo: Pontificia Universidade Católica, 2000. (Tese de doutorado).

DOUSTE-BLAZY, Philippe. A ação dos políticos. In: BARRET-DUCROCQ, Françoise (dir.) *A intolerância*. Foro Internacional sobre a Intolerância. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. (tradução Eloá Jacobina).

DUTRA, Eliana Regina de Freitas. História e culturas políticas, definições, usos, genealogias. In: *Varia História*, n. 28, dez., 2002.

_____. *O ardil totalitário*. Imaginário político no Brasil nos anos 30. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997.

ECO, Umberto. Definições léxicas. In: BARRET-DUCROCQ, Françoise (dir.) *A intolerância*. Foro Internacional sobre a Intolerância. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. (tradução Eloá Jacobina).

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders*: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2000.

FONSECA, Thais Nivia de Lima. *Da Infância ao Altar da Pátria*. Memória e representações da Inconfidência Mineira e de Tiradentes. São Paulo: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2001. (Tese de doutorado).

GOMES, Ângela de Castro. *A invenção do trabalhismo*. 3 ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2005.

_____. As aventuras de Tibicuera: literatura infantil, história do Brasil e política cultural na Era Vargas. In: *Revista USP*. São Paulo, n. 22, 2003.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

_____. Cultura política e cultura histórica no Estado Novo. In: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel; GONTIJO, Rebeca (orgs.). *Cultura política e leituras do passado: historiografia e ensino de História*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

_____. *História e Historiadores*. A política cultural do Estado Novo. 2.ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999. 220 p.

_____. História, historiografia e cultura política no Brasil: algumas reflexões. In: SOIHET, Rachel; BICALHO, Maria Fernanda Baptista; GOUVÊA, Maria de Fátima Silva (orgs.). *Culturas políticas*. Ensaios de História Cultural, História Política e ensino de História. Rio de Janeiro: Mauad, 2005.

_____. O ministro e sua correspondência: projeto político e sociabilidade cultural. In: GOMES, Ângela de Castro (org.). *Capanema: o ministro e seu ministério*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2000.

_____. (org.). *Vargas e a crise dos anos 50*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

GOUVEA, Maria Cristina Soares de. A escrita da história da infância: periodização e fontes. In: SARMENTO, Manuel; GOUVEA, Maria Cristina Soares de (orgs.). *Estudos da Infância*. Educação e práticas sociais. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2008.

HOBBSBAWN, Eric & RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

LOPES, Antônio de Pádua Carvalho. A escola em festa: as festividades escolares na Primeira República no Piauí. In: *VI Congresso Luso Brasileiro de História da Educação*. Uberlândia/MG: COLUBHE06, 2006.

LUSTOSA, Isabel. Insultos impressos. *A guerra dos jornalistas na Independência (1821-1823)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. O nascimento da imprensa brasileira. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

MAYNARD, Dilton Cândido Santos. O “notável empreendimento”: Estado Novo, propaganda política e radiofusão em Sergipe. In: *Saeculum – Revista de História*. João Pessoa, n. 16, jan./jun. de 2007.

NASCIMENTO, Adalson de Oliveira. *Sempre Alerta! O Movimento Escoteiro no Brasil e os projetos nacionalistas de educação infanto-juvenil 1910-1945*. Belo Horizonte: FAFICH, 2004. (Dissertação de mestrado).

NEIVA, Ismael Krishna de Andrade. *Educação musical escolar: O canto orfeônico na Escola Normal de Belo Horizonte (1934-1971)*. Belo Horizonte: Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, 2008. (Dissertação de mestrado).

NOGUEIRA, Vera Lúcia. A escola primária noturna na política educacional mineira. Belo Horizonte: Faculdade de Educação da UFMG, 2009. (Tese de doutorado).

OLIVEIRA, Eliane de. Na vanguarda da era da visibilidade. Getúlio Vargas e as imagens do 1º de maio. In: *Atas do III Encontro Nacional de Estudos da Imagem*. Londrina/PR, 2011.

PARANHOS, Adalberto. *O roubo da fala – origens da ideologia do trabalhismo no Brasil*. 1ª edição. São Paulo: Boitempo Editorial, 1999.

PÉLASSY, Dominique. *Le signe nazi*. Paris: Fayard, 1983.

RIVIÈRE, Claude. *As liturgias políticas*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1989.

SCHEMES, Cláudia. *Festas Cívicas e Esportivas no Populismo: um estudo comparativo dos governos Vargas (1937-1945) e Perón (1946-1955)*. São Paulo: USP, 1995. (Dissertação de mestrado).

SCHWARTZMAN, Simon et. al. *Tempos de Capanema*. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra: Fundação Getúlio Vargas, 2000.

SEYFERTH, Giralda. Construindo a Nação: hierarquias sociais e o papel do racismo na política de imigração e colonização. In: MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura (org.). *Raça, Ciência e Sociedade*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, Centro Cultural do Banco do Brasil, 1988.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

UNGLAUB, Tânia Regina da Rocha. A prática do canto orfeônico e cerimônias cívicas na consolidação de um nacionalismo ufanista em terras catarinenses. In: *Revista Linhas*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação da UDESC. Florianópolis, vol. 10, n. 01, jan./jun. 2009.

VAZ, Aline Choucair. *A escola em tempos de festa: poder, cultura e práticas educativas no Estado Novo (1937-1945)*. Belo Horizonte: Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, 2006. (Dissertação de mestrado).

_____. Educar a pátria para o labor: o Dia do Trabalho no ensino primário de Minas Gerais (1937-1945). In: VAGO, Tarcísio Mauro; OLIVEIRA, Bernardo Jefferson. (Org.). *Histórias de práticas educativas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

VEIGA, Cynthia Greive. A escolarização como projeto de civilização. In: *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo: ANPED – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. n. 21. Set/Out/Nov/Dez, 2002.

_____; GOUVEA, Maria Cristina Soares. Comemorar a infância, celebrar qual criança? Festejos comemorativos nas primeiras décadas republicanas. In: *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v. 26, n. 01, jan/jul, 2000.

